

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS**

**RAFAELA CAMPOS ROCHA**

**O PROTAGONISMO DE INÉS SUÁREZ NA CONQUISTA DO CHILE, SOB  
UMA ÓTICA LITERÁRIA FEMININA**

**Alfenas/MG**

**2021**

RAFAELA CAMPOS ROCHA

O PROTAGONISMO DE INÉS SUÁREZ NA CONQUISTA DO CHILE, SOB UMA  
ÓTICA LITERÁRIA FEMININA

Artigo apresentado ao Programa de Pós-graduação em História Ibérica (Mestrado Profissional) como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestra em História Ibérica pela Universidade Federal de Alfenas. Área de concentração: Ensino e Pesquisa de História Ibérica.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Fernanda Aparecida Ribeiro

Alfenas/MG

2021

Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Alfenas  
Biblioteca Central

Rocha, Rafaela Campos.

O protagonismo de Inés Suárez na conquista do Chile, sob uma ótica literária feminina. : Inés Suárez / Rafaela Campos Rocha. - Alfenas, MG, 2021.

40 f. : il. -

Orientador(a): Fernanda Aparecida Ribeiro.

Dissertação (Mestrado em História Ibérica) - Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, MG, 2021.

Bibliografia.

1. Literatura . 2. História. 3. Mulher. 4. Latino americana. 5. Colonização. I. Ribeiro, Fernanda Aparecida, orient. II. Título.

Ficha gerada automaticamente com dados fornecidos pelo autor.

RAFAELA CAMPOS ROCHA

O PROTAGONISMO DE INÉS SUÁREZ NA CONQUISTA DO CHILE, SOB UMA ÓTICA LITERÁRIA FEMININA

A Banca examinadora abaixo-assinada aprova a Dissertação apresentada como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestra em História Ibérica pela Universidade Federal de Alfenas. Área de concentração: Ensino e Pesquisa de História Ibérica.

Aprovada em: 13 de dezembro de 2021

Profa. Dra. Fernanda Aparecida Ribeiro  
Instituição: Universidade Federal de Alfenas - UNIFAL-MG

Profa. Dra. Maria de Fátima Alves de Oliveira Marcari  
Instituição: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP-SP

Prof. Dr. Cláudio Umpierre Carlan  
Instituição: Universidade Federal de Alfenas - UNIFAL-MG



Documento assinado eletronicamente por Claudio Umpierre Carlan, Diretor de Relações Internacionais e Interinstitucionais, em 13/12/2021, às 17:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por Fernanda Aparecida Ribeiro, Professor do Magistério Superior, em 15/12/2021, às 21:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

Documento assinado eletronicamente por Maria de Fatima Alves de Oliveira Marcari, Usuário Externo, em 15/12/2021, às 22:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

[https://sei.unifal-mg.edu.br/sei/controlador.php?acao=documento\\_imprimir\\_web&acao\\_origem=arvore\\_visualizar&id\\_documento=723345&infra\\_sistema=100000100&infra\\_unidade\\_atual=220000173&infra\\_hash=6a...](https://sei.unifal-mg.edu.br/sei/controlador.php?acao=documento_imprimir_web&acao_origem=arvore_visualizar&id_documento=723345&infra_sistema=100000100&infra_unidade_atual=220000173&infra_hash=6a...) 1/2



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.unifal-mg.edu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.unifal-mg.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador 0645020 e o código CRC F3596CED.

Dedico ao meu marido Givanildo, meu apoio constante e rumo para seguir em frente; às minhas filhas Bruna e Luana que, generosamente, mesmo sem dimensionar, foram sempre o meu ponto de equilíbrio; à minha orientadora e amiga Fernanda, que foi fonte de inspiração, entusiasmo e conhecimento; e, acima de tudo, a Deus por permitir a mim a apresentação de um mundo novo.

## **AGRADECIMENTOS**

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001  
“This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Finance Code 001”

À Universidade Federal de Alfenas, pela oportunidade oferecida com tanta eficiência e comprometimento.

À Prof.<sup>a</sup> Dra. Fernanda Aparecida Ribeiro, orientadora, pela dedicação, conhecimentos transmitidos e confiança depositada na realização deste trabalho.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria de Fátima Alves de Oliveira Marcari e ao Prof. Dr. Cláudio Umpierre Carlan pela partilha e considerações.

À Coordenação do Curso de Pós-Graduação pela política de incentivo à produção acadêmica.

À minha família pela compreensão desprendida nos momentos de ausência.

## RESUMO

O presente trabalho propõe uma análise interpretativa da obra literária latino-americana *Inés del alma Mía* (2006), de Isabel Allende. Ambientada no século XVI, o romance faz uma revisitação histórica do período colonial chileno através da perspectiva da figura feminina. Inés, narradora e personagem, é responsável por contar a história colonial a partir de seu ponto de vista de mulher. A pesquisa é de cunho analítico-interpretativo e aborda as relações existentes entre Literatura e História, por meio de autoria feminina e mostrando como o universo romanesco em estudo encaixa-se nesse cenário, bem como destacando o olhar da mulher do século XVI sobre o Mundo Novo, a análise se fundamenta nas teorias da Crítica Feminista e nos estudos entre Literatura e História.

Palavras-chave: Literatura e História; Literatura e Mulher, Literatura Latino-americana, Colonização Latino-americana.

## **ABSTRACT**

The present work proposes an interpretative analysis of Latin American literary works *Inés Del Alma Mía* (2006) by Isabel Allende. Set in the 16th century, the novel brings a historical revisit of the Chilean colonial period through the perspective of female figure. Inés, character narrator, is responsible for telling the colonial history from their point of view as a woman. The research is of an analytical-interpretative nature and addresses the existing relations between Literature and History. Through of female authorship and show how the romance universe under study fits into this scenario, as well as highlight the look of the woman of the century XVI on the New world, the analysis is based on the theories of Feminist Criticism and on studies between Literature and History.

Keywords: Literature and History; Literature and Woman; Literature Latine-American; Colonization Latine-American.

## RESUMEN

Este trabajo propone un análisis interpretativo de la obra literaria latinoamericana *Inés del alma Mía* (2006), de Isabel Allende. Ambientada en el siglo XVI, la novela presenta una revisión histórica del período colonial chileno a través de la perspectiva de la figura femenina. Inés, narradora y personaje, es la encargada de contar la historia colonial desde su punto de vista de mujer. La investigación es de carácter analítico-interpretativo y aborda las relaciones existentes entre la literatura de autoría femenina y cómo el universo novedoso en estudio encaja en este escenario, proponiendo un diálogo entre Historia y Literatura del siglo XVI, así como la mirada de la mujer del siglo XVI sobre el Nuevo Mundo. El análisis se basa en las teorías de la Crítica Feminista y en estudios entre la Literatura y la Historia.

Palabras clave: Literatura e Historia; Literatura y Mujer; Literatura Latinoamericana; Colonización Latinoamericana.

## SUMÁRIO

<b>1.APRESENTAÇÃO DO TEMA.....</b>	<b>15</b>
<b>2.INTRODUÇÃO .....</b>	<b>17</b>
<b>3.A INÉS DE ALLENDE.....</b>	<b>20</b>
<b>4.A INÉS NA HISTÓRIA.....</b>	<b>31</b>
<b>5.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>36</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>37</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>40</b>

## 1 APRESENTAÇÃO DO TEMA

Busca-se apresentar a visão de mundo da personagem Inés Suárez, de Isabel Allende, na obra *Inés del alma Mía* (2006), analisando a linha tênue entre Literatura e História, e o papel feminino na perspectiva colonizadora e conquistadora do Chile no século XVI, objetivando enfocar o cunho descritivo, complementar e comparativo.

Nesse contexto, sabe-se que a literatura, assim como a arte em geral, foi por muito tempo elitista e eurocentrista, realizada geralmente pelos homens, brancos, economicamente favorecidos e heterossexuais, o que sempre excluiu expressões artísticas feitas por negros, mulheres, homossexuais e outras minorias marginalizadas pela sociedade. Isso levou, em termos históricos, à formação de um modelo artístico e literário excludente, estabelecido de acordo com a visão dominante de determinada sociedade, e sua cultura reproduzindo o caráter patriarcal intrínseco à própria sociedade.

Isso, somado às condições práticas impostas socialmente nesse contexto, como dificultar o acesso à educação e cultura, por exemplo, explica a escassez de obras de escritores vindos das minorias durante séculos. Foi preciso que, mediante o advento dos movimentos revolucionários, suas críticas e reivindicações, começassem a haver questionamentos quanto à construção social e cultural, para que a mulher e as demais minorias conseguissem alguma representatividade.

Analisar a produção literária atual é, também, fazer uma leitura atenta da vida que acontece fora dos livros. Por muito tempo, a compreensão do texto literário permaneceu atrelada a posicionamentos fechados, tanto que Inés Suárez, por exemplo, mesmo tendo existido e lutado ao lado de Pedro Valdivia pela colonização espanhola, não tem seu nome oficialmente evidenciado, ou pelo menos não tanto quanto o de seu amante.

À medida que o feminismo foi realizando conquistas e, assim, conferindo à mulher o direito de falar, outros olhares foram trazidos e posicionados a partir de outras perspectivas. A literatura de autoria feminina de Isabel Allende vai apresentar a participação feminina, em eventos históricos importantes e conhecidos, até então, pela perspectiva masculina, mostrando de uma forma subjetiva e narrativa o pedagogismo histórico, muito peculiar da autora. Nesse viés, a questão que se coloca é: quais eram as condições da época em que o Chile foi colonizado, e o papel feminino nessa perspectiva feminina e colonizadora, segundo o Romance *Inés del alma Mía* (2006) de Isabel Allende?

A hipótese que se levanta é a de que a dominação pela qual as mulheres sempre foram submetidas é um dado histórico e fica clara na obra de Allende. A história e a literatura foram

definidas e desenvolvidas quase totalmente pelo grupo dominante dos homens, brancos, europeus (colonizadores) e economicamente privilegiados; o discurso e ponto de vista histórico de todos os outros segmentos da sociedade foram ignorados ou menosprezados; e, ainda hoje, se deparam com desafios em torno dos estereótipos e entraves históricos para sua legitimação. Por isso, a análise do papel das mulheres, sobretudo organizadas sob as bandeiras do feminismo, sendo pioneiro na contestação dessa estrutura é essencial.

Dessa forma, esta pesquisa sobre o protagonismo de Inés Suárez busca romper verdades predeterminadas, bem como instituir novas práticas discursivas e interpretativas que podem originar novas práticas sociais.

Em um mundo que se busca a igualdade, homens e mulheres são levados a realizar mudanças fundamentais em seus pontos de vistas e comportamento. Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades e possibilidades; isso é condição necessária para a vida em uma sociedade mais igualitária. É preciso refletir, também, sobre a condição feminina para acelerar o processo de autoconhecimento e autodescoberta, deixando às mulheres das décadas que ainda virão, ao menos, uma perspectiva de esperança na qual é possível ter mais igualdade, liberdade, felicidade e ter suas próprias escolhas.

## 2 INTRODUÇÃO

Isabel Allende nasceu em 1942, no Peru, local em que seu pai era diplomata. Viveu no Chile entre os anos de 1945 e 1975, onde iniciou sua carreira literária como jornalista. Morou na Venezuela até o ano de 1988, perseverando na profissão outrora escolhida. Após 1988, quando saiu da Venezuela, mudou-se para o estado da Califórnia, nos Estados Unidos. Seu primeiro romance, *A casa dos espíritos* (1982), tornou-se um dos títulos míticos da literatura latino-americana. A ele se seguiram muitos outros, todos com grande sucesso internacional. Seus livros já foram traduzidos para 35 idiomas. Recebeu o Prêmio Nacional de Literatura em 2010, no Chile, e o Prêmio Hans Christian Andersen, em 2012, esse último pela série “As Aventuras da Águia e do Jaguar” (2002).

Allende também é a autora de *Inés del Alma Mía* (2006), romance que a permite demonstrar o protagonismo da espanhola Inés Suárez<sup>1</sup> na conquista e colonização do Chile sob uma ótica literária feminina, no século XVI.

A escritora escreveu, na introdução da obra, que pesquisou os poucos fatos conhecidos sobre Inés Suárez (que tinha cerca de 30 anos quando deixou a Espanha) e baseou o restante do livro em leituras de documentos existentes sobre os homens da época que conviveram com a tal protagonista, Inés.

"Foi fácil para eu entrar na pele dela", contou Allende - conforme noticiado, no Jornal de Brasília<sup>2</sup> (2006). Ela, que escreveu o romance na primeira pessoa, mencionou ainda: "Chegou um momento em que eu já me sentia totalmente identificada com ela. Eu teria defendido minha cidade como ela defendeu" (JORNAL DE BRASÍLIA, 2006).

Na mesma entrevista, Isabel Allende expõe que observou a história e a cultura de seu país, percorrendo os lugares que abordam esses aspectos na capital, Santiago. No Museu Histórico Nacional, por exemplo, ela percebeu que, para tratar o período da conquista espanhola, o retrato de Pedro Valdivia, conquistador espanhol, se destacava em uma sala. Já o de Inés Suárez, encontrava-se em um corredor de passagem para outro espaço, em segundo plano.

A autora observou, ainda, outras duas curiosidades. Na escada para o andar superior do

---

<sup>1</sup> Há uma divergência quanto ao nome da personagem. Enquanto alguns indicam seu nome como sendo “Inés Suárez” (sendo esta a opção mais utilizada), outros a reconhecem como “Inés de Suárez”, com a preposição “de”. Isabel Allende e outras fontes usam “Inés Suárez” baseadas no fato de que na lista de passageiros que saíram de *Plasencia* em 1537 rumo ao Novo Mundo (*Catálogo de Pasajeros a Indias*) indicava esta formatação. Assim sendo, neste trabalho a referência à personagem será “Inés Suárez”.

<sup>2</sup> “Isabel Allende lança livro sobre conquistadora do Chile”. Disponível em:

<https://jornaldebrasil.com.br/promocoes/isabel-allende-lanca-livro-sobre-conquistadora-do-chile/>

Museu, encontra-se uma enorme tela, é a pintura a óleo de Pedro Lira (1888) chamada “La Fundación de Santiago”. Na representação, Valdivia encontra-se no alto do *Cerro Huelén*, ponto turístico atualmente conhecido como *Cerro Santa Lucía*, mas, segundo a página de informação histórica digital, “Memoria Chilena” (Biblioteca Nacional de Chile)<sup>3</sup>, o assentamento não aconteceu exatamente nesse lugar e, sim, no vale do rio *Mapocho* onde se verificou ser uma área mais cultivável. Isso demonstra que a arte toma da licença poética para representar a vida, seja na pintura, seja na literatura como vemos em “Inés del alma mía”.

A segunda curiosidade é que houve um estudo preliminar dessa tela e a figura que aparece de longe está de frente para o fundador. A artista realista Anamelia Dantas Maciel aponta, em pesquisa, que teria um rosto de mulher, Inés Suárez (MACIEL, 2007).

Isabel Allende, assim, também deu visibilidade à Inés e sublinhou a participação da personagem na história de Santiago. Segundo a própria autora, ela pesquisou durante quatro anos e criou uma narrativa na qual a protagonista, pouco antes de morrer, resolve contar sua versão para a filha adotiva, Isabel. Tratam-se de memórias afetadas pela idade, pela emoção e, de certa maneira, pela paixão que viveu (JORNAL DE BRASÍLIA, 2006).

Conforme a estudiosa Barbara Mussili (2018), a obra de Allende mescla com maestria a narração histórica da colonização chilena com a vida e os amores de uma grande mulher, que viveu uma vida de aventuras vedada às mulheres do século XVI e que ficou invisibilizada por séculos até ser trazida à luz de maneira destacada por Allende.

Allende imprime seu estilo inconfundível de narrativa contemporânea, porém memorialística, com tom de intimidade e despedida, pois, afinal, sua prosa é reveladora ao contar a história de amores e decepções da personagem principal, usando de muitos *flashbacks*, onde Inés já acamada e com idade avançada, conta toda sua história à sua filha. (MUSSILI, 2018). Afirma também que se trata de um romance místico, ao criar uma aura de acontecimentos fantásticos. Para ela, os personagens, ainda que reais, são idealizados, muitas vezes heroicos ou simplesmente especiais (MUSSILI, 2018).

Dessa maneira, há uma romantização evidente da personagem protagonista, aproximando-as das heroínas românticas, dos folhetins tragicômicos e dos *best sellers*, colocando-a como uma personagem polifacetada. Trata-se, assim, de um romance híbrido de gênero, ou seja, à presença em uma determinada obra de um registro de escritura que não se vincula exclusivamente a um só gênero literário (romance, ensaio, autobiografia) e que

---

<sup>3</sup> “Memoria Chilena”, em português “Memória Chilena”, é um site cultural chileno que disponibiliza documentos relacionados com os principais tópicos que compõem a identidade chilena, ele se torna acessível através das áreas de história, literatura, ciências sociais, música e artes visuais. Além disso, é, também, uma biblioteca virtual, que preserva o material da Biblioteca Nacional do Chile e de outras instituições.

parece, em princípio, localizado em um lugar incerto e ambíguo. Trata-se, neste caso, de um livro que não se adequa facilmente às definições usuais do romance (com trama, personagens, conflito moral, etc.), que se aproveita intensivamente de recursos da autobiografia e que faz um uso literário do discurso histórico e do discurso da crítica literária apimentado o que atinge diretamente as massas.

Assim, o maior mérito da obra de Isabel Allende é representar Inés, ainda que tão distanciada no tempo, para que ela pudesse, literariamente, relatar sua posição na história e despedir-se da filha. “Isabel Allende tem grande participação nisso. Assim, quantas *Ineses* não permanecem anônimas, tendo seus feitos intencionalmente omitidos simplesmente por terem nascido com o sexo ‘errado’?” (MUSSILI, 2018)

Dessa forma, a proposta deste estudo é realizar uma análise interpretativa da obra *Inés de minha alma* (2006), romance narrado em primeira pessoa na voz de Inés Suárez, escrito por Isabel Allende em 2006, no qual se procura reivindicar o espaço da mulher na História, resgatando a segunda onda feminista, cuja a escrita é feita sob uma perspectiva feminina.

Para além desta questão do gênero e do estilo, Isabel Allende assumiu a tarefa de mostrar o papel de Inés de Suárez em um evento importante da história chilena, trazendo à luz importantes fatos históricos que foram silenciados ou pouco contados anteriormente. Além disso, Inés fundou o primeiro hospital do Chile e trabalhou a vida toda como enfermeira. Também fundou o Convento das Agostinianas, a Construção das Ermidas e a administração das concessões.

Assim, será analisada a obra de Allende em confluência com a História oficial mais progressista, no qual o romance histórico é capaz de elaborar criticamente uma relação mais próxima da temporalidade ocidental moderna, na tarefa de tentar construir uma nova visão da história, mais compatível com a realidade latino-americana. É possível salientar que a narrativa contemporânea tem registrado a participação das mulheres na história da fundação do continente americano, mas suas atuações e suas vozes foram relegadas ao silêncio ao longo dos séculos pelo discurso dominante. É neste contexto que se situa *Inés del alma Mía*, como uma narrativa que resgata a figura histórica de Inés Suarez, seus feitos e sua vida na Espanha e na América do Sul, ao mesmo tempo que entrelaça uma narrativa cativante aos olhos do leitor.

### 3 A INÉS DE ALLENDE

Em 24 de fevereiro de 1500, nasce Carlos V, futuro rei da Espanha. Também nascem Francisco Aguirre e Pedro de Valdivia, o grande conquistador espanhol. Essas personagens são retratadas no romance *Inés del Alma Mía* (2006) de Isabel Allende.

Pedro Valdivia e Francisco Aguirre combateram juntos em *Pavia*, onde a importância das armas potentes para aquela época e as estratégias de guerra deixaram estampadas na História o seu valor. Participaram também do saque a Roma em 1527, sobre o qual o autor Giacomino Martina, em “História da Igreja - de Lutero a nossos dias I - O período da reforma” (1997) registra cerca de sessenta dias de mortes, estupros e roubos em nome da Espanha e da Igreja.

Martina (1997), também nessa mesma obra, afirmou que nesse ataque houve a prisão do papa Clemente VII, ocasião em que também acontece o fim do Papado renascentista na Itália, bem como os Tribunais da Inquisição e a “conversão” de milhares de judeus, trata-se de uma época marcada, também, pela queima de hereges em Plasencia e outras cidades europeias. No momento em que nasceu espanhol correspondia a nascer “superior” (MARTINA, 1997).

A protagonista de Allende, Inés Suárez, nasceu em 1507, em Plasencia, norte de Extremadura na Espanha, época na qual morreu o rei Felipe, “O Belo” (de Castela). Ao mesmo tempo, a rainha Juana levava o ataúde de seu marido falecido por toda a Castilha, beijando-o morto, esperando que ele ressuscitasse.

Allende apresenta Inés como uma jovem e humilde costureira, que se casa com Juan de Málaga com mais ou menos 18 anos, aquele que a iniciou nos prazeres carnavais. Na mesma época, ou seja, em 1525, ocorre o casamento do rei Carlos V com sua prima Isabel de Portugal. Isabel Allende (2006) descreve Inés como tendo olhos sombrios, cabeleira de potranca, teimosa, magra, apelidada de “Namorada das Índias” por causa de seu primeiro marido, Juan de Málaga com quem perdeu sua virgindade aos 19 anos. Seu avô a obrigou casar, não teve filhos. Aos 30 anos foi para Sevilha, com intenção de partir para o “Mundo Novo” atrás de seu marido, ainda não sabia escrever (ALLENDE, 2006).

Além desse fato, paralelamente, *Süleyman*, “O Magnífico”, entrou com tropas turcas na Europa. No entanto, o casamento de Inés e Juan não foi um mar de rosas e ele foi para as Américas atrás de riqueza. Partiu obcecado por seus sonhos de glória, para o outro lado do Atlântico. Aliás, muitos outros cidadãos nascidos nessa mesma província de Extremadura, na Espanha, também se deslocaram para as Américas atrás de riquezas, nova vida ou até mesmo

mandados pela Coroa Espanhola, que os considerava pessoas mais fortes, rudes e duras, o que facilitaria a adaptação no Novo Mundo, além de serem mais pobres e pouco tinham a perder.

Inés conta sua história desde sua mocidade, quando, em meados de 1537 as expedições ao novo continente estavam sendo organizadas; com trinta anos, decide que era tempo de explorar novos ares e, usando a desculpa de que precisava encontrar o marido, parte para a terra dos sonhos.

A protagonista afirma, também, que na embarcação havia sete pessoas, um astrolábio e o firmamento. Para guiá-los nessa odisseia, existiam “Cartas de Navegações” que marcavam o Estreito de Magalhães, Índias e a costa do Pacífico. Também alimentavam a imaginação europeia histórias de serpentes marinhas capazes de engolir navios, tritões, sereias que enlouqueciam marinheiros, almas dos afogados, barcos fantasmas e inúmeras conjecturas de um caminho desconhecido. Todavia, o que encontram, já no próprio navio no qual viajavam, era fome, enjoo, doenças, ataques sexuais.

Segundo a narradora, no trajeto para esse “Novo Mundo”, Inés fez empadas e trabalhou na cura de tripulantes na viagem, que durou 3 meses. De maneira nada diferente, Matthew Restall em “Sete mitos da conquista espanhola” (2006), tradução de Cristiana de Assis Serra, conta no segundo capítulo de seu livro que “conquistadores” que chegavam à América entravam em casas sem pedir, despachavam os que cruzavam seus caminhos com espadas e abusavam de suas mulheres. Na terra nova, mais choque: clima absurdamente quente e úmido, insetos, animais selvagens, novos hábitos, novas comidas e, até mesmo, o cacau sendo usado como moeda pelos astecas.

Porém, havia uma semelhança entre o tratamento dispensado às mulheres daquela época: se matassem, mesmo que em legítima defesa, eram consideradas culpadas pelos magistrados. Eram culpadas também, pelos vícios e pecados masculinos. Dessa forma, quando chegaram, em agosto de 1537, a uma aldeia onde um dos tripulantes do navio, Sebastião Romero, tentou violentar Inês; ela o matou e depois partiram para Cartagena. Contudo, sua passagem por Cartagena foi rápida, partindo logo para o Panamá.

Lá, Allende (2006) mostra uma protagonista que se depara com um continente bruto e selvagem, banhado em sangue pela ganância dos colonizadores que desejavam dominar as novas terras, explorar suas riquezas naturais e escravizar os nativos. As histórias desse Novo Mundo corriam pela Europa e povoavam o imaginário europeu: incas e astecas, povos bárbaros, ricos e com uma liberdade invejável.

O interessante é saber que, mesmo em meio ao caos e violência reinantes, havia espaço para o amor. Pois não tendo encontrado o marido (como já era esperado), Inés se

recusou a voltar para a Espanha e arrumou um jeito de permanecer no Peru, onde conheceu o segundo homem, que virara sua vida de cabeça para baixo: Pedro de Valdivia. Ao lado dele, ela conheceu a paixão e se dispôs a seguir com ele desbravando territórios inóspitos até chegar ao Chile, onde fundaram uma nova cidade e se estabeleceram com muitas dificuldades.

Como nos abraçamos tão cedo? Quem esticou a mão primeiro? Quem buscou os lábios do outro para o beijo? Certamente fui eu. (...) Pedro retrocedeu, rígido, pálido, até dar com as costas contra a parede. Que mulher sensata fala assim a um desconhecido? (ALLENDE, 2006, p.101).

Nesse ínterim, em 1535, Carlos V estabeleceu uma divisão territorial, na qual Cuzco ficaria sob o comando de Francisco Pizarro. Contudo, a história registra, nesse momento, na região de *Abancay* uma grande batalha (*Las Salinas*), onde Pizarro e seu ex-companheiro de batalhas Diego Almagro se enfrentaram. Os pizarristas vencem com a ajuda de Pedro Valdivia. Assim, entram em Cuzco, violam mulheres, roubam e destroem até se saciarem, conforme explica a autora Marianne Mah-Lot em “Conquista da América Espanhola” (1990).

Inés viajou para o Peru com padres dominicanos, movida pelo desejo de sair do estado de incerteza e não por fidelidade ou por vontade real de encontrar seu marido, Juan de Málaga. A travessia durou mais ou menos 7 semanas. Apesar da vigilância dos padres, ela voltou a sofrer assédio no barco, certamente ela temia a ameaça, mas também se sentia atraída e fascinada pela aventura. Tinha medo da sífilis e da gravidez (ALLENDE, 2006).

A narradora chegou ao porto de Callao, que era o porto mais importante do pacífico, e de lá partiu para a cidade dos Reis (Lima). Arrancou um dente de um viajante e recebeu uma esmeralda como pagamento, essa era uma pedra abundante assim como a prata. Achou a magnífica cidade de Cuzco (umbigo do império Inca); tentava imaginar a vida das pessoas antes da chegada dos colonizadores. Soube da morte de seu marido Juan, mas não encontrou seus restos mortais. O governador quis conhecê-la e ofereceu a ela casa e dinheiro, por ser viúva de Juan. Nesse dia, teve a certeza de sua morte.

Allende (2006) conta, ainda, que Inés conheceu Pedro Valdivia graças a Alferes Núñez. Já o admirava de longe, com seu cavalo árabe e sua autoridade natural. Na noite em que se conheceram suas vidas se definiram. Foi anunciado a Pedro, sem preâmbulos, que ela o aguardava há bastante tempo. Eles sentiam nos ossos e nas cavernas da alma a certeza de que haviam nascido para se amar (ALLENDE, 2006).

Afirma ainda Inés que ninguém o amou mais que ela, que era forte como um carvalho, vivendo nos trópicos sem adoecer. Desde o primeiro abraço consumia-os o mesmo calor. Experimentaram o amor verdadeiro, a fusão do corpo e da alma. Souberam desde o começo que não iriam se casar, mas ela se dispôs a amá-lo sem pensar em mexericos, vergonha ou

pecado. Inês e Pedro eram amantes e amigos, eram semelhantes, fortes, mandões e ambiciosos.

Segundo Allende (2006), ambos foram morar em Lima para conseguir autorização para desbravar o Chile. Inês disse a Fernando Pizarro, em audiência, que precisava ir porque sabia encontrar água no deserto. Ele permitiu e lhe ofertou uma tenda luxuosa juntamente com um documento autorizando-a a participar da expedição que iria desbravar o Chile. Então, Inês bordou mantéis para a sacristia e prometeu que iria construir uma igreja para Nossa Senhora das Mercês a fim de convencer o bispo de Cuzco, para que ele lhe desse, também, autorização para viajar.

Ela investiu tudo o que tinha para sair de viagem, inclusive as joias que ganhou de Pedro Valdivia. Inês ganhou de um médico alemão facas, pinças, instrumentos de cirurgia e medicamentos, e eles partiram em 1531. Quando saíram do Peru, rumo ao Chile, Pedro a chamou para ficar ao seu lado e disse: “Vamos para o Chile, Inês da Minha Alma” (ALLENDE, 2006, p.121).

Na travessia pelo deserto do Atacama, Juan de Málaga a visitou, povoando seus sonhos. Depois disso, conseguiu encontrar água no deserto. Deram nome ao poço de “Manancial da Virgem” em honra a Nossa Senhora do Socorro (ALLENDE, 2006).

Ela jantava à mesa com homens, prática incomum da época; foi amável com *Sancho de La Hoz*, embebedou-o e a seus homens, até Pedro Valdivia voltar, depois de três dias; usou *chicha*<sup>4</sup> para cauterizar os ferimentos. Os soldados a tratavam de fêmea insaciável.

Também, assistiu pela primeira vez uma execução, a de Escobar. Sustentou a ele o olhar tentando lhe dar consolo. Nutriu uma animosidade por Pedro Valdivia no caso Escobar, pois achava que Valdivia estava exagerando em suas atitudes. Os soldados achavam que Inês Suárez tentara Escobar, o seduzira e o tirara dos eixos, pois para eles, Inês era a amante impudica. Era estéril.

Segundo o historiador Sergio Villalobos Rivera em sua obra *Historia del Pueblo Chileno* (1980), no Vale do Copiapó começava o território de Pedro Valdivia, ao qual deu o nome de Nova Extremadura, em 1536. Cravou o estandarte da Espanha e com solenidade, tomou posse da terra. O capelão Gregório de Mamolejo celebrou uma missa. Nossa Senhora do Socorro tornou-se a padroeira, mas a expedição queria chegar ao Vale do rio *Mapocho*,

---

<sup>4</sup> *Chicha* é uma bebida fermentada produzida pelos povos indígenas da Cordilheira dos Andes desde a época do Império Inca.

onde os nativos eram chamados *Mapuches*.<sup>5</sup> (VILLALOBOS,1980)

Ainda segundo VILLALOBOS (1980), Inés tratou dos doentes, usou seu “dom” de encontrar água no deserto e salvou os expedicionários da morte por desidratação, construiu edifícios, cuidou dos animais, pegou na enxada para cuidar das plantações, cozinhou o pouco alimento que tinham e fez questão de alimentar a todos igualmente, aprendeu a manejar armas e lutou lado a lado com os soldados.

Mulher destemida e determinada, Inés foi peça fundamental na fundação de Santiago do Chile, ao lado do amante Pedro de Valdivia, vista de um ângulo que muitos, convenientemente, fazem questão de esquecer: o das mulheres, que naquele contexto histórico do século XVI, viviam não só às margens sociais, mas eram tratadas com violência por seus cônjuges, além do mais, deveriam ser submissas e puritanas. Fibra era uma virtude apreciada nos homens, mas considerada um defeito no sexo oposto. As mulheres com fibra botavam em perigo o equilíbrio do mundo, que favorecia os homens, por isso eles tratavam de vexá-las e destruí-las.

Entre 1541 e 1548, Inés Suárez viveu em Santiago do Chile com Pedro de Valdivia, desfrutando da estima e da apreciação geral. O governador, como recompensa por seu heroísmo, concedeu-lhe a comissão dos índios de *Apoquindo e Melipilla* e de tantas terras quanto havia concedido a seus capitães mais ilustres. Então, Dona Inés tornou-se uma rica proprietária.

Os soldados espanhóis a apreciavam pela atenção que sempre dava aos doentes e feridos. Até mesmo os personagens mais exaltados da cidade a distinguiam com seu afeto e demonstrações amistosas. O clérigo Rodrigo González Moralejo, que mais tarde se tornou o primeiro bispo de Santiago, ensinou-a, pessoalmente, a ler e a escrever.

Entretanto, a todas essas novidades é possível se adaptar, mas a única coisa que jamais cessava no Mundo Novo eram as batalhas entre os espanhóis invasores e os nativos, que resistiam bravamente e preferiam morrer a ser dominados e, assim, o genocídio dos povos originários avançava. A sede por riqueza também gerou inúmeras traições e mortes entre os próprios colonizadores. O derramamento de sangue não tinha fim, além disso, há registros de

---

<sup>5</sup>Significa gente da terra. Eles eram baixos, delicados de pé e mão, costas e membros reforçados, peitos empinados. Cabelos negros e longos, trançados com tiras coloridas, rostos pintados de amarelo e azul. Fortes, valentes e atrevidos. Resistentes a frio, calor e fome. Consideravam falta de respeito incomodar Deus todo domingo, para eles uma vez por ano era suficiente. Havia numerosas populações, cerca de 10 mil nativos, várias aldeias, canais de irrigação e vários caminhos. Eles podiam ter várias esposas, mas deviam dar a elas o mesmo tratamento. Às vezes, casavam-se com irmãs para não as separar. Hábito que foi considerado pelos colonizadores tão estranho quanto as cerâmicas eróticas do Peru ou ao costume das mães indígenas peruanas romperem a virgindade das suas filhas antes de entrega-las aos homens.

escorbuto, doença que deixava os dentes frouxos, a barriga inchada e provocava febre, mesma época das sérias epidemias de tifo e varíola, conforme aborda a protagonista:

Dizem que a gente se acostuma com tudo, mas não é verdade, nunca me acostumei com esses gritos espantosos. Inclusive agora, em minha velhice, depois de ter fundado o primeiro hospital do Chile e de levar uma vida trabalhando como enfermeira, ainda ouço os lamentos da guerra. (ALLENDE, 2006, p. 253).

Assim estão registradas na História, conforme Villalobos (1980), importantes batalhas de 1536 até 1598, onde os *mapuches* lutam por sua terra contra os espanhóis, liderados por Valdivia, este sempre amparado pelas ideias e cuidados de Inés.

A primeira batalha foi descoberta por Cecília graças a seus informantes nativos. Ela contou que *Machimalonko* atacaria. Valdivia protegeu Santiago com a maioria dos soldados e atacou os nativos primeiro. Derrotaram os indígenas e o líder *Machimalonko* entregou-lhe a mina de prata (ALLENDE, 2006).

Villalobos (1980) ressalta que, na segunda batalha, os índios de *Machimalonko* se rebelaram, mataram soldados e destruíram a mina e o barco em construção. Até que Valdivia foi até lá e conteve a “rebeldia” dos índios. Porém, em Santiago a sensação era de desamparo. Revela ainda que a terceira batalha, chamada historicamente de Guerra de Araucanía, a mais famosa da História chilena, aconteceu em 11 de setembro de 1541 e durou mais de 10 horas. Novamente atraíram Valdivia com a notícia de um ataque. Ele deixou a cidade protegida por apenas 50 soldados e 100 índios, além de Monroy, Villagra, Aguirre e Quiroga. *Machimalonko* atacou Santiago.

Afirma Villalobos (1980) que Rodrigo Quiroga deu o sinal de alarme e Allende completa que colocaram Cecília, as amas de leite, as índias e as crianças na adega de Inés Suárez. Porém, o ataque foi uma armadilha para atrair Valdivia até à baía de *Cacón* – baía com ampla praia, areias claras e rodeada de mata com areia boa e resistente à água. Enquanto isso, em Santiago, pouca coisa ficou de pé, aniquilaram Santiago.

Allende (2006) revela que sobraram poucos animais vivos e poucas sementes para replantar. Nessa fatídica batalha, Inés pegou a espada de um soldado morto, foi até a cela que eles mantinham sete prisioneiros, decepou as suas cabeças e expôs aos guerreiros indígenas que saíram do campo de batalha (Praça das Armas) um a um, por medo de Inés.<sup>6</sup>

Allende (2006) afirma que, depois dessa batalha, foram dois anos de miséria absoluta. Todos adoeceram, menos Catalina e Inés Suárez. As sementes salvas do fogo foram

---

<sup>6</sup> A cidade de Santiago foi defendida por Inés, cena está retratada pelo quadro de J.M. Ortega, de 1541, do Museu Nacional do Chile que chamou a atenção da autora Inés Allende para escrever essa obra.

replantadas, então provaram o pão só no terceiro ano. Os soldados saqueavam as aldeias. O governador obrigava as pessoas doentes e esgotadas a lavrar, fazer tijolos, construir muros, treinar para guerra, etc. Assim surgiu a muralha, a igreja e as casas. As pessoas estavam esqueléticas e permaneciam quase nuas. Nasceram crianças, mas a maioria não sobrevivia.

Allende (2006) revela que Inés Suárez e Catalina preparavam uma sopa rala com que aparecia: ratos, baratas, até animais mortos ou ossos (para dar sabor). Os cachorros que nasciam também viravam “mistura”. Houve uma epidemia de tifo e praga de rãs que infestaram o solo com baba pestilenta. Chegaram a comer carne de semelhantes. Foram anos de desamparo e solidão. Não havia neminhos para missa, apenas havia água em abundância. Não havia papel para anotar as atas da prefeitura e sentenças judiciais: usava-se tiras de couro, mas num descuido cães famintos as comeram. Por isso não há relatos dessa época.

Segundo Villalobos (1980), depois de dois anos, ou seja, apenas em 1543, chegou ajuda. O alívio foi tamanho que os soldados choraram. Tiveram vergonha de sua miséria. Chegaram setenta soldados, cinco mulheres espanholas, e outros “tesouros”. Começou de novo a prosperidade. Sem problemas graves, só uma praga de ratos. Já em 1545, Pedro Valdivia começava a mandar cartas para a Espanha que demoravam mais ou menos dois anos para chegar, conforme juntou e publicou primeiro José Toribio Medina, (1852-1930).

Villalobos (1980) afirma também que, nessa época, Carlos V pretendia casar seu filho Felipe com Maria Tudor, rainha da Inglaterra, pois o jovem necessitava de um título de rei para realizar o seu enlace, seu pai resolveu, então, que o Chile seria um reino e Felipe seu soberano.

Acontecia também, no Peru, uma tomada de poder feita por Gonzalo Pizarro, um dos irmãos falecidos do marquês. Era tanta corrupção e traições que Carlos V mandou La Gasca “botar ordem” e promulgava também “leis novas” - leis bem-intencionadas sobre o trato com índios que acabaram ficando somente no papel.

Em outubro de 1548, acusado por alguns descontentes, Valdivia foi submetido a um processo, o juiz de instrução foi Don Pedro de La Gasca, "Presidente destes reinos e províncias do Peru", como ele mesmo dizia. Em 19 de novembro daquele ano, La Gasca ditou a sentença, absolvendo o “conquistador” do Chile de quase todas as acusações.<sup>7</sup> Segundo

---

<sup>7</sup> Do processo de Pedro de Valdivia nenhum historiador falou até o último terço do século XIX. Nem mesmo o próprio “conquistador” alude a si em sua carta de 1550 ao imperador Carlos V, o que é compreensível. Foi o prestigioso historiador chileno Diego Barros Arana, que fez conhecido esse processo. Ele mesmo nos conta como, em 1859, no arquivo particular da família de La Gasca, encontrou o texto original do processo conservado sob a forma de um diário de Don Pedro de La Gasca, presidente da Audiência de Lima junto com algumas cartas e outros documentos muito interessantes. Esta descoberta contribuiu poderosamente para reconstruir a história autêntica dos primeiros tempos da conquista do Chile. Ele fornece muitos e variados

Diego Barros Arana (1999), em onze das cinquenta e sete acusações, faz-se alusão, mesmo não nomeando expressamente, a Inés Suárez. Valdivia é acusado de ser influenciado pela ganância e pelo conselho de sua amante, com quem ele compartilha uma vida escandalosa. Os testemunhos de amigos e inimigos, até mesmo o próprio Valdivia, ajudara-os a serem testemunhas dos acontecimentos.

Arana (1999) afirma que, em 30 de outubro de 1548, Valdivia recebe uma cópia das cinquenta e sete acusações, para o caso de ter alguma coisa a reivindicar a seu favor. No dia 2 de novembro do mesmo ano, ele responde, um a um, aos 57 capítulos.

Em onze capítulos do articulado acusatório contra Pedro de Valdivia, aparece Inés Suárez, expressamente citada nos autos, agrupados em três tipos de encargos: influência excessiva de Inés Suárez na conquista; ganância insaciável da dama de Placentina; comportamento escandaloso, vivendo com ele como amante - acusaram Valdivia de ter trazido do Peru uma espanhola chamada Ines Suárez, com quem vivia em relações ilícitas, mantendo-a em casa e comendo na mesma mesa, com audiência pública de toda a colônia.

Ines Suárez, segundo os acusadores, era uma investidora gananciosa que recebeu grande distribuição de terras e índios, exerceu sua influência em Pedro Valdivia, quem lhe deu ouro e mandou perseguir quem lhe ofendesse, ou seja, Valdivia a protegia contra qualquer mal, assim, ela contava sempre com a docilidade do governador para acessar todos os seus caprichos (VILLALOBOS, 1980).

Este arquivo constitui um precioso documento para a história da descoberta e conquista do Chile. As cartas de Pedro de Valdivia, que constituem o mais rico arsenal de notícias à disposição dos historiadores até agora, não relatam alguns fatos interessantes, nem muitos detalhes muito curiosos. Como é fácil de entender, Valdivia não disse em suas cartas nada que pudesse depreciá-lo aos olhos do rei, nem nelas pôde registrar inúmeros incidentes que não considerava importantes. As quarenta e seis páginas do processo abundam em notícias desta natureza e lançam uma nova luz sobre a história.

Assim, Inés é apresentada no processo de Valdivia, com comportamento influente, ganancioso e escandaloso. E, apesar de ser absolvido, ele foi obrigado a não conversar com Inés Suárez, nem morar com ela em uma casa e dentro de seis meses mandá-la para longe: para a província do Peru ou partir de volta para a Espanha (VILLALOBOS, 1980).

---

testemunhos, tanto de amigos quanto de inimigos, até mesmo do próprio Valdivia, o que nos permite conhecer objetivamente o desenvolvimento de eventos. O fato de o texto supracitado, publicado pela primeira vez em 1873, não estar em arquivo público, como o das Índias ou *Simancas*, explica o silêncio dos historiadores anteriores a essa data.

Quando Pedro Valdivia esteve ausente por cerca de um ano e meio para ajudar La Gasca no Peru começou uma amizade amorosa entre Rodrigo de Quiroga e Inés Suárez que permaneceram no Chile. Amaram-se como namorados castos, com um sentimento profundo e desesperançado que não punham em palavras, apenas em olhares e gestos. Não era paixão, mas um desejo secreto de estar perto. Por isso, Inés foi acusada por La Gasca de ser uma bruxa que enfeitiçava homens e era prostituta na Espanha, que se mantinha moça, bebendo sangue de recém-nascidos, mas a acusação não prosseguiu (ALLENDE, 2006).

Allende narra que Inés esperou Pedro Valdivia voltar, tratou de tirar Quiroga da imaginação, queria se reconciliar com o companheiro Valdivia. Mas, Pedro Valdivia se instalou em um barco em Concón e governava mediante emissários sem mandar mensagens a Inés Suárez durante dois meses.

A notícia de que Pedro Valdivia estava oferecendo a ideia de Inés se casar com outro foi como um murro que lhe cortou o fôlego e a fez cambalear. Seu coração disparou e ela desmaiou. Pedro Valdivia a substituiu por duas mulheres de vinte anos, ela tinha quarenta, afirma Allende (2006).

Dessa maneira percebe-se que, depois de viver dez anos com o amante - ele era casado com uma jovem deixada na Espanha -, em Santiago, Inés sofre uma grande decepção, incluindo uma tentativa de golpe político pela corte espanhola para tirar seus bens e seu poder, e acaba separada de Valdivia. Segundo ele, este é o único meio de não serem presos, pois eram somente “amancebados” - mas vai amá-la até a morte, explica Allende (2006).

Porém, Allende (2006) aponta que, o que poderia ser um fim de caso devastador acaba se transformando na chave para um futuro feliz: Inés casa-se<sup>8</sup>, então, com Rodrigo de Quiroga, nascido na Galiza, que chegou como um soldado às ordens de Chile. Valdivia, o próprio governador, doou, como um presente de casamento à Inés e Quiroga, em 02 de janeiro, 1550, a *Estancia de Monserrat*, localizado perto do rio *Mapocho*, que, juntamente com as explorações extensivas de *Alhué* - ele produziu um rendimento anual de catorze mil pesos de ouro.

Inés casa e passa o resto de seus dias com Rodrigo de Quiroga e é, para a filha dele, Isabel, criada por Inés, que é escrita a narrativa. Inés descreve seus três grandes amores correspondendo cada um a um tipo de emoção: Juan de Málaga relacionado ao desejo, Pedro

---

<sup>8</sup> Nessa época do casamento entre Inés e Quiroga, também foram fundadas as cidades de *Concepción* (1550), *La Imperial* (1552), *Vila Rica* (1552) e a cidade chamada *Valdivia* (1552). Em todas elas o procedimento era o mesmo: plantar a cruz, officiar a missa, escolher a árvores da justiça ou erguer um patíbulo, construir uma muralha de defesa e as casas.

de Valdivia relacionado à paixão e Rodrigo de Quiroga relacionado ao amor. Inés e Rodrigo amaram-se trinta anos, ela foi fiel a ele até o último momento de sua vida, coloca Allende (2006).

Allende (2006) afirma ainda que o novo marido, como registrado em seu epitáfio - nascera em 1512 - era cinco anos mais novo do que ela. Não se destacou como soldado nem se enriqueceu após a conquista. Ele era um simples fidalgo que, a partir de 1548, foi nomeado prefeito de Santiago, iniciou uma brilhante carreira política e militar, serviu no exército de *Arauco* em 1579.

Villalobos (1980) explica que, Rodrigo de Quiroga foi governador em 1549 e em 1550. Ele obteve novamente a prefeitura de Santiago em 1558 e 1560. Por várias vezes, foi Corregedor de Santiago, e se tornou um tenente-general. Quiroga foi governador do Chile de 1565 a 1567 e foi nomeado governador em propriedade de 1575 até sua morte, que ocorreu em 1580.

Na obra de Allende, depois de seu casamento com Rodrigo, Inés evitava Pedro Valdivia, o detestava. Mas, com rezas e chás, curou seu ódio em dois meses. Com Quiroga, viveu um sentimento maduro e alegre, sem conflitos, até chegou o momento que não pôde mais viver sem ele. Tornou-se sua rainha e, assim, compreendeu a visão de Catalina no passado. Os dois juntos prosperaram muito, Quiroga ficou como governador do Chile enquanto Pedro Valdivia viajava.

Segundo Allende (2006), o casamento de Inés com Quiroga não teve descendentes. Rodrigo de Quiroga, por outro lado, tinha uma filha natural, Isabel, e a ela eles legaram todos os seus bens. Além disso, depois que Marina Ortiz, primeira esposa de Valdivia, veio da Espanha, Inés Suárez ia a sua casa visitá-la até o fim de sua vida, também assumiu seus gastos.

Mesmo tendo sido casada com Quiroga, durante os três dias que Pedro Valdivia sofria nas mãos dos índios, antes de morrer, obrigado a tomar ouro derretido, o que lhe queimou a boca e vários órgãos internos, Inés Suárez ficou doente como se sua alma soubesse o que sua mente ignorava. Imagens horrendas passavam por seus olhos, como em um pesadelo que não poderia acordar. Sempre foi saudável e não teve outra explicação sobre essa doença: caiu prostrada com vômitos intensos, febre. Foi sua alma que o acompanhava e chorava em seu delírio de febre ardente ouvia com clareza os gritos de Pedro Valdivia e sua voz despedindo-se dela pela última vez: “ADEUS, INÉS DA MINHA ALMA (...)” (ALLENDE, 2006, p.318).

Começou a escrever memórias quando Rodrigo de Quiroga<sup>9</sup> morreu em 1580 e a tristeza a dominou. Tinha saudades dele de suas mãos, seu cheiro, suas costas largas, sua respiração, diz Allende (2006).

---

<sup>9</sup> A família Quiroga também entregou à ordem mercedária a administração de uma capela na fazenda de *Alhué*, uma das encomendas de Inés Suárez. Dedicou a capela à Santa Inés, em homenagem à memória de Inés Suárez. No interior há um retrato de Nossa Senhora e abaixo nos pés, uma mulher pintada: um retrato de Dona Inés.

Inés Suárez morreu, segundo seu epitáfio, em 1580. Seus restos mortais e os do marido repousam no templo de *La Merced*, construído em sua propriedade, muito perto da Plaza de Armas, onde investiram a soma de quinze mil pesos, e também doaram para o interior, cal e tijolo. Templo religioso católico, construído em homenagem à virgem e seus três importantes “milagres” concedidos aos conquistadores espanhóis: água no deserto que saciou o contingente de soldados, comida e índios para atravessar o deserto, bem como proteger Inés do *Michimalonko*.

## 4 A INÉS NA HISTÓRIA

Segundo Thaísa Lopes Ferreira (2012), em seu artigo “Representação de mulheres nas obras *La casa de los espíritus* e *Inés del alma mía* de Isabel Allende”, é preciso entender que o passado sempre está sendo recriado, reescrito, conforme a convicção de quem o escreve, seja pelo discurso literário, seja pelo discurso histórico. Se for possível questionar o fato de Allende escrever sob suas perspectivas, por que o historiador agiria de outra forma? O que diferencia um romance histórico e um texto historiográfico? Ambos não seriam então representações de uma realidade? Afinal, os historiadores também são produtores de textos.

Importante ter em mente que o que separa a História e Literatura é o campo, pois a Literatura faz parte da arte, o que permite a livre criação, não tendo nenhum compromisso com a realidade. Já da História é exigido um compromisso com os acontecimentos e, para tanto, o trabalho do historiador é se debruçar sobre os documentos – mesmo que este documento esteja do campo da arte, seja uma representação de mundo, de um fenômeno, realizada por um artista.

O historiador pode se basear em produções literárias, em textos escritos por outras pessoas para referendar sua pesquisa, sua análise. Deve-se salientar também que o historiador também é criador de sentidos e, sendo assim, parte de sua concepção e imaginação de mundo para criar algo. Por isso, o que o historiador produz é subjetivo. Então, se a ficção é a marca da Literatura (da arte), a subjetividade pode marcar da História. Mas, como a História pretende ser ciência, há que se basear em fontes, documentos para respaldar seus resultados (LOPES FERREIRA, 2012).

Lopes Ferreira afirma ainda que o historiador não inventa, mas sabe que não está a serviço da verdade, ao passo que a Literatura pode criar personagens que não estão fora daquilo que pode ser considerada realidade. A Literatura há muito se apropriou do discurso histórico. Os romances históricos são a grande prova disso. Muitos autores se apropriam ao criar seus romances pautados em fenômenos históricos.

Tanto para História quanto para a Literatura, o **ser** humano e suas atividades são objetos de conhecimento. A questão aqui é que o romance enfatiza o cotidiano, o trivial, como aqueles que, muitas vezes, a própria História deixou de lado, como é o caso das mulheres. A proximidade entre História e Literatura é quase sempre problemática. Ao se trabalhar com esta vertente, não é apenas entender romances enquanto fonte histórica, mas questionar também a maneira que a própria História vem sendo escrita (FERREIRA, 2012).

Michelle Perrot (2007), em *Minha história das mulheres*, aborda a questão do silêncio

da mulher que se fez por muito tempo, não só na historiografia, como nos demais espaços. Para Perrot (2007), esse silêncio deve-se, primeiramente, pela sociedade considerar as mulheres “invisíveis”, por não serem vistas no espaço público. Depois, tem-se o que Perrot (2007, p. 14) chamou de: “silêncio das fontes”, ou seja, o acesso à escrita por mulheres é tardio, sua participação no que é tido como público também. O que se tem sobre mulheres é o que os homens escrevem sobre elas. E, por fim, o silêncio do relato, ou melhor, é a história do espaço público, local onde as mulheres não cabiam.

Quanto às mulheres no registro histórico, Perrot (2007, p. 16) afirma que: “[...] as mulheres ficaram muito tempo fora desse relato, como se, destinadas à obscuridade de uma inenarrável reprodução, estivessem fora do tempo [...]. Confinadas no silêncio de um mar abissal”. Assim, é indiscutível que, durante a história dos seres humanos, as mulheres têm sido relegadas ao silêncio, não tanto na efetiva participação dos fatos históricos, mas, sobretudo, na narrativa histórica. Lembrando que a crítica literária moderna feminista de Perrot e outras autoras encontra suas raízes na década de 1960, na segunda onda do feminismo. Partindo do questionamento da literatura centrada em uma visão de mundo masculina que retratava as mulheres a partir de modelos humilhação e opressão.

Neste viés, o romance de Isabel Allende mostra que Inés é uma narradora que atua no mundo à sua volta, buscando compreender e refletir sobre sua condição de mulher e que fala sobre a sociedade em que está inserida. Para tanto, a narradora é portadora de diversos conhecimentos, inclusive, o da escrita que lhe permite escrever sua vida e o que pensa sobre ela, diferenciando-se do papel que a história tem dado à mulher, pois segundo Perrot (2007, p.91): “[...] desde a noite dos tempos, pesa sobre a mulher um interdito de saber [...]. O saber é contrário à feminilidade [...] o saber é o apanágio de Deus e do homem, seu representante sobre a Terra”.

A historiadora María J. Coreano Arjona (2014) aponta que pouco se sabe da figura histórica Inés Suarez em seus primeiros anos, com exceção de seu nascimento em Plasencia, cidade da comunidade autônoma de Estremadura na Espanha. O pouco que se sabe dessa espanhola está registrado em algumas documentações históricas do Chile que dedicam espaço para alguns de seus feitos durante a época da Conquista.

Assim, Inés foi uma figura histórica importante no processo de Conquista do Chile, sendo citada por cronistas e historiadores que tratam do início da colonização. Contudo, apesar de Inés Suarez fazer parte de obras clássicas da História do Chile, pesquisas ressaltam que, em geral, ela tem sido esquecida pelos historiadores contemporâneos (MACIEL, 2007, p. 72; CANELLO, 2008, p. 4).

Observa-se, assim, que, já na época colonial, os historiadores mostravam que a mulher – Inés – não era um modelo de mulher que se esperava (frágil, feita para cuidar da casa e da família), e a história registra seu lado heroico que, ao longo dos séculos, mas tentam apagar sua memória e seus feitos. Contudo, com o texto de Allende, resgata-se a presença feminina na Conquista do Chile.

O historiador Diego Barros Arana (2000), um dos autores citados por Isabel Allende, menciona a presença da espanhola junto ao grupo que pretendia realizar a conquista do Chile. Além disso, descreve a relação que ela mantinha com Pedro de Valdivia, o conquistador do Chile, como uma união de amor e demonstra admiração por ela, ao dizer que estava “destinada a conquistar um célebre nome nas primeiras páginas da história” (ARANA, 2000, p. 173).

Observa-se que, em livros históricos ou mesmo literários como *História Geral do Chile*, 1999, de Barros Arana, e *Ay Mama Inés*, 1993, de Jorge Guzmán, Inés é descrita como a amante de Pedro de Valdivia e uma mulher que o segue em suas expedições como sua companheira mais fiel. No entanto, deve ser mencionado que nesses livros, Inés também aparece como uma brava espanhola que ajuda os soldados feridos na guerra contra o povo Mapuche.

Ressalta-se que ela aparece na defesa da cidade de Santiago como no romance de Allende, o que indica o esforço da escritora em ser o mais fiel possível à história, na construção da personagem em sua obra *Inés del alma mía*.

O primeiro encontro de Valdivia com Inés na *História Geral do Chile*, de Barros Arana (1999), se dá no episódio em que começa a viagem ao Chile na companhia de Pedro de Valdivia. O seguinte é contado:

Também estavam incluídos naquela viagem, alguns oficiais com dons mais ou menos relevantes, três clérigos e uma mulher ligada a Valdivia por laços de amor. Essa era Inés Suárez, destinada a conquistar um nome famoso nas primeiras páginas de nossa história (BARROS ARANA, 1999, p.173).

O segmento informa sobre uma Inés "unida a Pedro de Valdivia pelos laços do amor" e para "conquistar um nome famoso". No entanto, Navarro e Sánchez Korrol (1999) expõem outro prisma de seu papel na viagem ao Chile, ajudando inclusive a curar os feridos. É o que afirmam os autores no que segue: “Os espanhóis cruzaram o deserto de Atacama e tiveram que se envolver em numerosas escaramuças, durante as quais Suárez cuidou dos enfermos e cuidou dos feridos” (NAVARRO e SÁNCHEZ KORROL, 1999. p. 23).

No romance de Allende, a personagem Inés também teve especial importância durante a longa viagem ao Chile. Como já mencionado, no trecho Inés Suárez e seus diversos

aspectos, além de atender aos feridos, salvou também um exército inteiro ao passar pelo temível deserto do Atacama.

Com o dom de encontrar água, ela ajudou a encontrar a parte da terra onde um poço poderia ser feito, e, assim, saciou a sede das pessoas que faziam parte do exército. Uma habilidade que confere à protagonista um aspecto heroico e místico, tornando-a uma heroína da salvação. Lovera (1865) relata o momento em que Inés acha água e que também é narrado no romance de Allende:

[...] mulher de muita cristandade e edificação de nossos soldados, mandou um índio cavar a terra no lugar onde ela estava sentada, e cavando aproximadamente uma vara [antiga medida de comprimento], saiu a água em tal abundância que todo o exército se satisfez, dando graças a Deus por tal misericórdia (LOVERA, 1865, p. 39).

À medida que se explora o livro de Barros Arana (1999), encontra-se outros seguimentos nos quais Inés brilha com seu heroísmo. No trecho a seguir, é possível observar como Inés oferece sua ajuda na batalha de 1541 contra os *mapuches*:

Naquelas horas de suprema angústia, Inés Suárez, companheira de Valdivia, a única espanhola ali, ocupou-se incansavelmente em tratar os 29 feridos para que voltassem à luta e em encorajar a todos a continuarem na defesa da cidade. (ARANA, 1999. p. 193)

Fato este exposto na obra *Crônicas do Reino de Chile* (LOVERA, 1865), uma das bibliografias consultadas por Isabel Allende, descreve-se a cena em que Inés manda matar os sete caciques, prisioneiros de Pedro de Valdivia, onde ela própria, diante da indecisão dos homens que os vigiavam, mata-os com um golpe de espada sobre suas cabeças.

Esse é um dos fatos históricos que Allende utiliza no romance ora pesquisado, oferecendo uma versão na voz da própria figura histórica a partir de sua ficcionalização em *Inés del Alma mía*.

Em *História Geral do Chile*, de Barros Arana (1999), Inés também mostra sua força e caráter marcante ao tomar a decisão de matar alguns índios com uma raiva inesperada em plena luz da guerra:

Acreditando que o ataque perpetrado pelos índios visava libertar os caciques presos, incentivou os seus próprios companheiros a condená-los à morte. Eles resistiram à execução desse massacre, que talvez acreditassem ser uma desumanidade desnecessária, mas quando os agressores entraram na praça da cidade como vencedores, e quando a batalha parecia desesperadamente perdida, a morte dos caciques foi executada sem hesitação. Inés Suárez ajudou a cortar suas gargantas com as próprias mãos. Diz-se que as cabeças ensanguentadas daqueles desgraçados atiradas contra os inimigos geravam medo e terror entre eles. Contemporâneos relataram que esse ato de desespero decidiu a retirada dos indígenas. (ARANA, 1999. p. 193)

Também em *História de Chile*, de Fortin Gajardo (1973), é mencionado que Inés matou caciques que estavam presos na cidade de Santiago guardados por dois jovens

espanhóis durante a invasão de Santiago pelos *mapuches*. Também nesta época ela é interpretada como uma mulher forte e mandona:

Além disso, à medida que o dia amanhecia e a batalha era muito sangrenta, os sete caciques que estavam presos também começaram a clamar aos seus para ajudá-los, libertando-os da prisão em que se encontravam. Dona Inés Juárez ouviu essas vozes que se encontravam na mesma casa onde estavam presos, e tomando uma espada nas mãos dirigiu-se decididamente a eles e disse aos dois homens que os guardavam, chamados Francisco Rubio e Hernando de la Torre que eles matassem os caciques antes que fossem ajudados pelos seus. E dizendo Hernando de la Torre, mais cortado pelo terror do que pela coragem de decepar cabeças: -Madame, de que forma tenho que matá-los? Ela respondeu: "Por aqui." E puxando a espada ele os matou com um espírito tão viril como se ele fosse um Roldán ou Cid Ruy Díaz. (GAJARDO, 1973. p. 306)

No segmento apresentado observa-se a luta incansável de Inés pela defesa da cidade de Santiago. Ela aparece como uma espanhola cheia de segurança e uma força quase desumana.

Vale ressaltar que o fragmento mostra que Inés tem mais coragem do que um dos dois guardas. Ela não sente medo nem vê sua fraqueza, enquanto Hernando de la Torre, um dos guardas, é mais tomado pelo terror do que pela coragem de cortar cabeças. Isso, pois, confirma que ele tinha medo do que ia acontecer. Inés mostra mais certeza em suas ações do que o homem. O episódio a coloca ainda mais à luz do heroísmo.

Nessa ocasião, eles formaram um pelotão compacto com todas as suas forças e com os índios auxiliares. No centro estava a corajosa Inés Suárez, vestida com cota de malha e armada como as outras guerreiras. Saindo então do forte que não podiam defender, e onde os cavalos não lhes serviam de grande utilidade, saíram para o campo aberto e para o terreno pedregoso do rio *Mapocho*. Este local era ocupado por índios, que se abasteciam de projéteis. Deram aos esquadrões de bárbaros uma carga tão terrível que os dispersou em todas as direções, causando um massacre terrível entre eles. (ARANA, 1999).

No livro histórico de Barros Arana (1999), Inés aparece como uma das pessoas mais importantes que contribuíram com sua ajuda na guerra contra os *mapuches*: “Entre os heróis da defesa de Santiago, contemporâneos citaram em primeiro lugar Inés Suárez (...)” (ARANA 1999, p.194).

Os fragmentos selecionados de Barros Arana (1999) mostram uma Inés heroica nos mesmos moldes do romance de Allende. Na história, Inés aparece como uma boa guerreira de coragem e força que participa da batalha contra os índios e cura os feridos. Isso indica seu grande apoio na guerra e sua habilidade como enfermeira e uma mulher forte, além do seu tempo.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Inés del alma Mía* (2006) apresenta duas questões que merecem ser consideradas e que estão conectadas. A primeira delas é referente à perspectiva feminina. De fato, a versão, ainda que ficcional, apela para que sua importância seja reconhecida, a despeito das inúmeras situações retratadas em que sua condição como mulher a colocaram em desvantagem. Neste ponto, também há certa contradição porque em alguns momentos Inés enfrenta estas imposições. Em outros, aceita. Principalmente, quando influenciada por sua extrema religiosidade.

A segunda questão é que sendo Inés espanhola e, estando à frente do objetivo de conquista do território, esse romance histórico também está sendo contado a partir de uma perspectiva colonizadora. É possível perceber que, à medida, que Inés rompe barreiras e se impõe, assume um novo lugar. Desta vez, do ponto de vista da divisão social, ela passa a ser considerada em um papel dominador em comparação aos seus serventes, em um âmbito familiar, ou aos indígenas, em um aspecto mais abrangente.

Mas, Inés foi uma mulher de seu tempo. É como justificar ações que segundo o pensamento atual seriam injustificáveis. O que se convencionou chamar “descobrimento” ou “conquista” são conceitos colonizadores que foram revistos por historiadores de toda América e passam a percepção de que, ainda que reconheçamos a importância de uma mulher, a história do continente, passa pela dominação de um povo que, originalmente, ocupava o território, sejam incas, *mapuches*, ou de outras etnias locais. As guerras travadas foram sangrentas e, inúmeras vezes, os que seriam considerados civilizados desmereceram e exterminaram a cultura e a população local ao impor poder e fé religiosa.

Então, é importante entender que a versão fictícia de Inés é a da conquistadora espanhola. Ainda que se tente relatar fatos e demonstrar imparcialidade, não deixará de ser sua ótica. Para contrapor, é interessante pensar no que seria uma versão dos *mapuches*, os habitantes originários destas terras que se destacaram por possuírem uma forte identidade cultural. Intrigante seria a construção de uma versão de Lautaro, o menino *mapuche* capturado para servir a Valdivia e que posteriormente se tornou um líder de seu povo em uma reviravolta digna dos melhores romances. Mais uma vez, também se trataria de uma ficção, porém, a literatura sempre retroalimenta a história e vice-versa.

## REFERÊNCIAS

- ALLENDE, Isabel. **Inés Da Minha Alma**. Tradução de Ernani Ssó. 3.ed., Rio de Janeiro. Bertrand, 2006.
- ALLENDE, Isabel. **Inés Del Alma Mía**. 1. ed., Chile. Rayo, 2006.
- ANTOS, Regma Maria dos. **Crônica e história: realidade e ficção no discurso jornalístico**. In: SERPA, Elio Cantalicio; MENEZES, Marcos Antonio (org.). *Escritas da história: narrativa, arte e nação*. Uberlândia: EDUFU,2007. p.95-110.
- ARANA, Diego Barros. **Historia general de Chile**. 2. ed. Santiago: Editorial Universitária. 1999.
- ARISMENDI, L. **Mujeres y orden social. El honor en la construcción de la identidad y de Las prácticas sociales femeninas**. Chile 1750-1810. Monografía. Faculdade de Filosofia e Humanidades, Universidade do Chile, Chile, 2006.
- BRANDOT, Marlene Rodrigues. **A Crítica Feminista Articulada Ao Literário**. Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCSC, Santa Catarina, v. 6, N. 1, 2018, p. 350-363.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. São Paulo: Nacional, 1985.
- CUESTA, Francisco González. **Inés Suárez Una egregia placentina en tierras chilenas**. 1998. Disponível em: <https://chdetrujillo.com/ines-suarez-una-egregia-placentina-en-tierras-chilenas/>. Acesso em: 12 nov 2021.
- DAVI, Tânia Nunes. **Subterrâneos do autoritarismo em Memórias do Cárcere (de Graciliano Ramos e de Nelson Pereira dos Santos)**. Uberlândia: EDUFU, 2007.
- ERCILLA, de Alonso. **La Araucana**. 3. ed., Buenos Aires. 1947.
- FORTÍN Gajardo, Carlos. **Memória Chilena**. Santiago: Biblioteca Severín,1969.
- GUZMAN, Jorge de. **Ay Mama Ines**. Biblioteca Nacional de Chile,1993.
- JORNAL DE BRASÍLIA. **Isabel Allende lança livro sobre conquistadora do Chile**. Brasília, 2006. Disponível em: <https://jornaldebrasil.com.br/promocoes/isabel-allende-lanca-livro-sobre-conquistadora-do-chile/>. Acesso em: 12 nov 2021.
- LOPES Ferreira, Thaisa. **Representação de mulheres nas obras La casa de los Espíritus e Inés del alma mía de Isabel Allende**. Universidade Estadual de Londrina/Acesso em: 20 ago. 2021.
- LOVERA, P. M. **Crónica del Reino de Chile, escrita por el capitán don Pedro Mariño de Lovera, reducida a nuevo método y estilo por el padre Bartolomé de Escobar de la Compañía de Jesús**. Santiago: Imprenta del Ferrocarril, 1865.

MACIEL, Anamelia Dantas. **Gênero e Autobiografia na Obra de Isabel Allende e Luzilá Gonçalves Ferreira**. Universidade Federal de Pernambuco, 2007.

MAH-LOT, Marianne. **Conquista da América Espanhola**. Editora Papirus, 1990.

MARTINA, Giácomo. **História da Igreja - de Lutero a nossos dias I - O período da reforma**. Edições Loyola, 1995.

MEDINA, José Toribio. **Cartas de Pedro Valdívia**. Sevilla: Establecimiento Tipográfico de M. Carmona, 1929.

NAVARRO e Sanchez Korrol. **Women in Latin America and the Caribbean**. Paperback, 1999.

ORTÍZ, Fiona. **Isabel Allende escreve sobre conquistadora do Chile**. UOL, 2006. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultnot/2006/08/23/ult26u22218.jhtm>. Acesso em: 20 ago. 2021.

PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

RESTALL, Matthew. **Sete mitos da conquista espanhola**. Tradução de Cristiana de Assis Serra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

RESUMO DA ÓPERA. **Resenha**: Inés da Minha Alma. 2013. Disponível em: <http://resumodopera.blogspot.com/2013/05/resenha-ines-da-minha-alma.html>. Acesso em: 10 set. 2021.

RIBEIRO, Bruna Otani. **Inés del alma mía (2006)**: Uma Releitura da Colonização Espanhola em Terras Americanas. Revista Digital de Pós-Graduação UNIPAR, Paraná, v. 8, N. 2, 2018, p.220-233. Disponível em: [https://www.academia.edu/3134937/INTERA%C3%87%C3%95ES\\_VERBAIS\\_EM\\_AULA\\_S\\_DE\\_QU%C3%8DMICA\\_E\\_O\\_FUNCIONAMENTO\\_DAS\\_ATIVIDADES\\_PR%C3%81TICAS](https://www.academia.edu/3134937/INTERA%C3%87%C3%95ES_VERBAIS_EM_AULA_S_DE_QU%C3%8DMICA_E_O_FUNCIONAMENTO_DAS_ATIVIDADES_PR%C3%81TICAS) . Acesso em: 10 set. 2021.

RIBEIRO, Fernanda Aparecida. **Malinche e a Narrativa História Feminina no Século XXI**. Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, Porto Alegre, v. 10, N. 1, 2017, p. 470-483.

SANTOS, Regma Maria dos. **Crônica e história**: realidade e ficção no discurso jornalístico. In: SERPA, Elio Cantalicio; MENEZES, Marcos, 2007.

SILVA, Daniel Neves. **Conquista do Império Inca**. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/conquista-do-imperio-inca.htm>. Acesso em: 04 jun.2021.

VICUÑA, Mackenna Benjamín. **Historia crítica y social de la ciudad de Santiago**: desde su

fundación hasta nuestros días (1541-1868). Museo Nacional Benjamín Vicuña Mackenna, 1869.

VILLALOBOS, Sergio. **Historia del Pueblo Chileno**. Santiago de Chile: Editorial Zigzag, 1980.

ZOLIN, Lúcia O. Literatura de autoria feminina. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia O. (Org.) **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 2. ed. Maringá: Eduem, 2005. p. 275-283.

ZOLIN, Lúcia O. Crítica feminista. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia O. (Org.) **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 2. ed. Maringá: Eduem, 2005. p. 181-203.

## APÊNDICE A - OBJETO DE APRENDIZAGEM

[https://ead.unifal-mg.edu.br/moodle1/xerte/play.php?template\\_id=264](https://ead.unifal-mg.edu.br/moodle1/xerte/play.php?template_id=264)